6

1

A DÉCADA de 1880 assinala, em verdade, no Ceará, a movimentação das mentes atuantes e pensantes, que se iniciaria com a campanha cívico-humana da libertação dos escravos negros.

Constituiu a batalha antiescravista a mais fulgente página que, depois da conquista do Acre, de caráter pode dizer-se épico, escreveu o cearense no vistoso livro da história brasileira.

Concluída a luta libertária com a Declaração de 25 de março de 1884, não parou o espírito de vanguarda tão ardorosamente manifestado em discursos, comícios de praça pública, artigos de jornais.

O pensamento inquieto pretendia não ficar ali, e em 1886, a 15 de novembro, funda-se o *Clube Literário* do qual fazem parte entre os outros abolicionistas Antônio Bezerra, José de Barcelos, Justiniano de Serpa e Farias Brito.

No ano de 1884, a 28 de junho, já se havia fundado o *Clube Iracema,* diversional em seu objetivo maior, porém de saliente interferência no campo das atividades culturais.

E no de 1887, a 3 de março, surge organizado em estilo social o *Instituto do Ceará*, nele incluindo-se, como fundadores, aquele Antônio Bezerra e Guilherme Studart (depois Barão de Studart), abolicionista também.

Abre-se a dezena 1890 com a instalação da *Fênix Caixeiral*, em 24 de junho de 1892, fundada que fora exatamente um mês antes.

É quando arrebenta, e este é bem o termo, a *Padaria Espiritual*, fundada em 30 de maio desse mesmo ano de 1892, e

que iria ser um reboliço no campo rico de nossa intelectualidade. Marca a *Padaria,* como bem se sabe, o ponto mais cheio de claridade no terreno viçoso da Literatura do Ceará. É uma agitação de mocidade jovial e mais solta dos preconceitos e idéias impoliradas, e lá fora, no Brasil e além dele, a algazarra gloriosa dos *padeiros* fortemente repercutiu.

Seguem-se a *Academia Cearense* e o *Centro Literário,* ambos de 1894, aquela fundada em 15 de agosto e este, em 27 de setembro, sem que, salvo Farias Brito, qualquer membro de um pertencesse ao outro. Só um ano após é que na estruturação dos seus sócios efetivos ingressam no *Centro* Guilherme Studart, Antônio Bezerra e Justiniano de Serpa. A sessão inicial da Academia realizou-se no salão nobre da Fênix Caixeiral, à época funcionando esta nos altos do prédio esquina da Rua Floriano Peixoto com São Paulo, em cujos baixos esteve no começo deste século a Casa Bordalo, de venda de sapatos, e, sucessivamente, o Banco do Brasil, o Banco de Crédito Comercial e, atualmente, o Bradesco (Banco Brasileiro de Desconto S. A.). Este ponto está bem esclarecido por Mozart Soriano Aderaldo, em sua *História Abreviada de Fortaleza*, Fortaleza, Imprensa Universitária da U.F.C., 1974, p. 121.

Nem é de esquecer como elemento de boa fermentação espiritual na década 1890-1899 — a presença sempre animada e explosiva dos cadetes da *Escola Militar do Ceará,* que, segundo Rodrigues de Carvalho, "trouxe para o Ceará, senão todo o elemento de nossa vida literária, ao menos um prurido de atividade mental: revistas, agremiações literárias, opúsculos etc."

2

O grupo formador da *Academia Cearense* compunha-se de Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto de Vasconcelos, Pedro de Queirós, Alves Lima, Valdemiro Cavalcante e Antonino Fontenele.

Treze, portanto; mas pelos Estatutos da recém-criada associação, art. 23, foram considerados sócios fundadores:

1 — *Tomás Pompeu* de Sousa Brasil
2 — *Pedro* Tomás *de Queirós* Ferreira
3 — *Valdemiro Cavalcante*
4 — *Raimundo* Leopoldo Coelho *de Arruda*
5 — *Álvaro* Teixeira de Sousa *Mendes*
6 — Raimundo de *Farias Brito*
7 — *Antônio Augusto* de Vasconcelos
8 — Guilherme Studart
9 — *José Carlos* da Costa Ribeiro *Júnior*
10 — *Virgílio* Augusto *de Morais*
11 — José *Domingues Fontenele*
12 — *José de Barcelos* da Silva Sobrinho
13 — *Antônio Bezerra* de Meneses
14 — Francisco *Alves Lima*
15 — Antônio Luís *Drumond da Costa*
16 — *Eduardo* Guilherme Osvaldo *Studart*
17 — *Adolfo* Frederico de *Luna Freire*
18 — *Eduardo* da Rocha *Salgado*
19 — Joaquim Lopes de *Alcântara Bilhar*
20 — Marcos *Franco Rabelo*
21 — *Benedito* Façanha *Sidou*
22 — *Antonino* da Cunha *Fontenele*
23 — *Antônio Teodorico* da Costa Filho
24 — *Álvaro* Gurgel *de Alencar*
25 — *Padre* Francisco *Valdivino Nogueira*
26 — *Henrique Théberge*
27 — *Justiniano de Serpa*

Em 29 de maio de 1896 morre José Carlos Júnior, que é substituído por José Rodrigues de Carvalho, empossado em sessão realizada a 23 de maio do ano seguinte.

Se o elenco de associados da *Padaria Espiritual* se caracterizava, na mor parte, por jovens arrebatados, não era assim o da *Academia Cearense*, todos já homens feitos, tomados da ponderação aliada ao entusiasmo. Somente quatro estavam

na casa dos 20 anos: Valdemiro Cavalcante, Domingos Fontenele, Alves Lima e Padre Valdivino. Os outros eram maiores de 30 anos. O mais velho: Henrique Théberge, com 56. Deles, 18 tinham o grau de bacharel em Direito: Tomás Pompeu, Pedro de Queirós, Valdemiro Cavalcante, Raimundo de Arruda, Álvaro Mendes, Farias Brito, Antônio Augusto, José Carlos, Virgílio de Morais, Domingues Fontenele, Alves Lima, Alcântara Bilhar, Antonino Fontenele, Álvaro de Alencar e Justiniano de Serpa; três eram médicos: Studart, Luna Freire e Eduardo Salgado; três engenheiros: Franco Rabelo, Benedito Sidou e Antônio Teodorico; um professor: José de Barcelos; um autodidata: Antônio Bezerra; e um sacerdote: Valdivino Nogueira.

Nem um deles fazia parte da *Padaria* na primeira fase deste grêmio. Depois é que para ele entraram, na reorganização efetuada em 27 de setembro de 1894: José Carlos Júnior, Valdemiro Cavalcante e Antônio Bezerra.

3

A sociedade, conforme atesta a ata da sessão de fundação, teria como finalidades:

a) examinar e emitir parecer sobre teorias, problemas e questões da atualidade;

b) acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos, adaptando ao nosso meio as idéias mais úteis ao seu melhoramento e ao engrandecimento do espírito humano;

c) estabelecer palestras e conferências;

d) trabalhar pelo levantamento da instrução, máxime do ensino profissional.

Vê-se que não visava exclusivamente às Belas Letras. Preocupavam-lhe os assuntos de ordem filosófica, científica, artística, educacional e social, que se enfeixam no grande objetivo do melhoramento do meio cultural cearense e do aperfeiçoamento espiritual do Homem. Tudo indica ter sido a inspiração ou modelo a Academia de Ciências de Lisboa, pois a

forma *richelieuana* dos 40 só se impôs no momento da primeira reorganização da Academia Cearense, em 1922, como se verá.

Dominava-lhes, aos novos Acadêmicos, a disposição de vencer os obstáculos, e eles o definiram bem, adotando o lema de Lord Beaconsfield — *Forti nihil difficile.* Exigia-se, no entanto, dos futuros associados, como condição de entrada, "ter o candidato publicado alguma obra literária, artística ou científica de real merecimento".

Obviamente, teriam que escolher uma direção e o fizeram, composta, *provisoriamente,* de:

Guilherme Studart, Presidente
Antônio Augusto e
Raimundo de Arruda, Secretários.

Ao lado destes, duas comissões: uma para *organização dos Estatutos:* Justiniano de Serpa, Pedro de Queirós e Valdemiro Cavalcante, e outra, *executiva:* Álvaro de Alencar, José Fontenele e Alves Lima.

A presença de Studart, como presidente, nesta diretoria provisória, dá-nos a idéia de que o já historiógrafo abalizado, e um dos fundadores do Instituto do Ceará, influíra essencialmente nos preparativos da instituição da Academia, o mesmo acontecendo com Serpa, Pedro de Queirós e Valdemiro.

Depois de aprovados os Estatutos, foi eleita a primeira Diretoria, composta de:

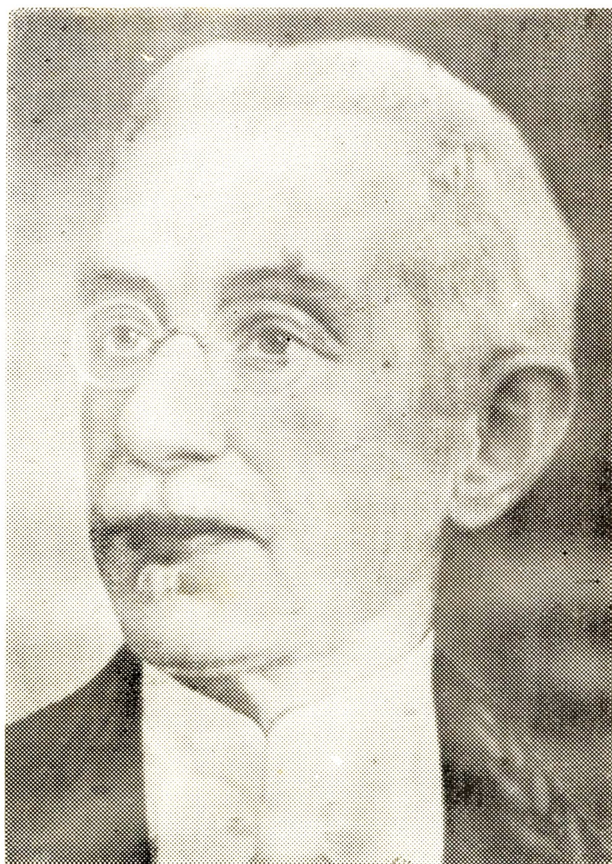
Tomás Pompeu, Presidente
Pedro de Queirós — Vice-Presidente
Virgílio de Morais — Idem
Valdemiro Cavalcante — 1º Secretário
Raimundo de Arruda — 2º Secretário
Justiniano de Serpa — Orador
Álvaro Mendes — Tesoureiro

Studart não aparece nessa primeira direção definitiva da Academia e é conjetural o motivo de tal ausência. Talvez, ou mais provável, o seu desprendimento, assim como acontecera

no Instituto do Ceará. Mas o certo é que a ingerência dele na vida da agremiação se verifica solícita, devotada e constante, desde aqueles dias iniciais. O cargo de 1º Secretário, básico em qualquer associação, veio-lhe às mãos em 16 de abril de 1895, com a renúncia de Valdemiro Cavalcante, e seria, de fato, ponto-chave nas atividades administrativas e culturais do sodalício. Qual afirma Manoel Albano Amora, em *A Academia Cearense de Letras* (Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1957), as suas novas funções ele as exerceu até 1901 como "o elemento dinâmico, o responsável pela movimentação e os notórios progressos do grêmio". Das 150 sessões realizadas pela Academia, informa Albano Amora, o secretário Studart, durante os sete anos de sua gestão, compareceu a 140, presidiu a três e na ausência do 2º Secretário lavrou 35 atas.

A presidência de Tomás Pompeu prolongar-se-ia até a reorganização de 1922 e mesmo depois desta, pois que Pompeu, mestre insigne, de vasta erudição e prestígio oficial e social, bastava como símbolo de um instituto de cultura que viria, pioneira, a figurar entre as congêneres no País, mesmo a Academia Brasileira de Letras, que nasceu em 1896.

A vida acadêmica desenvolveu-se de modo pleno de acordo com as disposições estatutárias, com sessões animadas e cheias de assunto, com palestras e conferências e, sobretudo, a publicação de sua *Revista,* cuja circulação começou em 1896, tendo como redatores Pedro de Queirós, Henrique Théberge e Guilherme Studart, impressa na Tipografia Studart, sita na Rua Formosa (hoje Barão do Rio Branco), então nº 64. Esta tipografia, montou-a o notável historiógrafo em sua residência mesma, tendo por meta a publicação de seus inúmeros e sucessivos trabalhos e bem assim a das Revistas da Academia e a do Instituto do Ceará, além de serviços diversos resultantes de encomendas de terceiros e de repartições públicas. Até 1914 a *Revista da Academia Cearense* saiu regularmente, sempre enriquecida de ótimas colaborações e divulgação de documentos, mas a partir daí não teve mais prosseguimento, dada a indiferença dos próprios Acadêmicos, já desfalcados no seu número, em conseqüência do falecimento de uns e deslocamento de outros para fora do Estado.



Thomaz Pompeu de Sousa Brasil
(1894 — 1929)

O primeiro a morrer, como ficou visto, foi José Carlos Júnior (29-5-1896). Em 1905, deu-se a morte de Domingues Fontenele (24-5) e Théberge (11-6). Em 1914, Valdemiro (3-2) e Virgílio de Morais (6-5). Em 9-5-1915, Alcântara Bilhar. Farias Brito, em 1917 (16-2), Pedro de Queirós, em 12-7-1918. Barcelos, em 24-10-1919. Antônio Bezerra em 28-8-1921, e, neste mesmo ano, Padre Valdivino (8-9).

Ausentes do Ceará, definitivamente, estavam em 1922, ano da primeira reorganização da Academia, os acadêmicos Franco Rabelo, Benedito Sidou, Alves Lima, Álvaro Mendes, Eduardo Studart, Drumond da Costa, Luna Freire e Eduardo Salgado.

Ainda residiam em Fortaleza: Studart, Álvaro de Alencar, Antônio Augusto, Tomás Pompeu, Raimundo de Arruda, Antonino Fontenele, Antônio Teodorico. Apenas sete.

4

Assim desfalcada e suspensa a publicação de sua *Revista,* seria a Academia um organismo morto se não fora a *reorganização de 1922.*

Governava o Ceará um dos seus sócios fundadores — Justiniano de Serpa, que fixara residência no Pará, de onde voltou para exercer o mandato de Chefe do Executivo Cearense, eleito que fora para o quadriênio 1920-1924.

Robusta inteligência, cabeça exposta às lutas cívicas e políticas, orador de fama, o Presidente entendeu, com a ajuda incitante de Leonardo Mota, reconstituir o Quadro Acadêmico de sua velha entidade, e para tanto conclamar os intelectuais da terra, reunindo-os no Palácio do Governo. Para isto, de logo acorreram Studart e Tomás Pompeu, os quais, com o Presidente e Leonardo, se entregaram ao mister da composição do novo quadro social.

Havia excelente matéria-prima para a obra, embora dos antigos companheiros restassem poucos.

Principiou-se por dar à Academia o nome, mais adequado, de *Academia Cearense de Letras,* inspirada no paradigma francês de Richelieu, com as Cadeiras em número de 40, cada

qual sob a égide de um Patrono e ocupada em caráter efetivo por quem, realmente, a pudesse ilustrar.

O resultado desse cuidadoso esforço seria, como foi, a segunda composição do Quadro de Acadêmicos, sublinhados os nomes dos fundadores que nela continuaram:

ACADÊMICOS	PATRONOS
1 - *Justiniano de Serpa*	José de Alencar
2 - *Barão de Studart*	Paulino Nogueira
3 - *Tomás Pompeu*	Senador Pompeu
4 - *Antônio Augusto*	Joaquim Catunda
5 - Alfredo de Castro	Adolfo Caminha
6 - Tomás Pompeu Sobrinho	Fausto Barreto
7 - *Antonino Fontenele*	José Liberato Barroso
8 - Alba Valdez (Maria Rodrigues)	Álvaro Martins
9 - Carlos Câmara	Tomás Lopes
10 - Antônio Sales Campos	Lívio Barreto
11 - João Otávio Lobo	Antônio Bezerra
12 - Cursino Belém de Figueiredo	Araripe Júnior
13 - José Pedro Soares Bulcão	Martinho Rodrigues
14 - José Francisco Jorge de Sousa	Antônio Ibiapina
15 - José Lino da Justa	Antônio Martins
16 - Júlio de Matos Ibiapina	Padre Ibiapina
17 - *Álvaro de Alencar*	José Avelino
18 - Manuel Antônio de Andrade Furtado	M. Soares Bezerra
19 - *Raimundo de Arruda*	General Tibúrcio
20 - Antônio Drumond	Tristão de Araripe
21 - Raimundo Francisco Ribeiro	Oliveira Sobrinho
22 - José Quintino da Cunha	Paula Nei
23 - José Sombra Filho	José Sombra, pai
24 - Antônio Ferreira dos Santos	Heráclito Graça

25 - Francisco Prado	Valdemiro Cavalcante
26 - Manuel Leiria de Andrade	Visconde de Sabóia
27 - José da Cruz Filho	Rocha Lima
28 - *Antônio Teodorico da Costa*	João Brígido
29 - José Carlos de Matos Peixoto	Farias Brito
30 - Benedito Augusto Carvalho dos Santos	Alberto Nepomuceno
31 - Manuel do Nascimento Fernandes Távora	Domingos Olímpio
32 - Leonardo Ferreira da Mota	Franklin Távora
33 - Antônio Sales	Não escolheu patrono
34 - Antônio Pápi Júnior	Idem
35 - Padre Dr. João Augusto da Frota	Idem
36 - Rodolfo Marcos Teófilo	Idem
37 - Adonias Lima	Idem
38 - Júlio Maciel	Idem
39 - Sebastião Moreira de Azevedo	Idem
40 - Pe. Antônio Tomás	Luís de Miranda

(O médico Álvaro Fernandes, o monsenhor Antônio Tabosa Braga, o jornalista Carvalho Lima, o intelectual Júlio César da Fonseca Filho e o advogado Mozart Pinto Damasceno não aceitaram as suas indicações para Sócios Efetivos).

Elege-se nova Diretoria, tendo como *Presidente de Honra* — Justiniano de Serpa e como *Presidente* — Tomás Pompeu de Sousa Brasil, de conformidade com os novos Estatutos aprovados e assinados em reunião de 17 de agosto. No dia 8 de setembro, instala-se a Diretoria em sessão solene, no salão nobre do Clube Iracema, então funcionando nos 1º e 2º andares do prédio *Palacete Ceará,* da Rua Floriano Peixoto, esquina com a Rua Guilherme Rocha, atualmente de propriedade e sede da Caixa Econômica Federal.

O discurso com que o presidente Tomás Pompeu deu por reinstalada a Academia encontra-se publicado na *Revista* nº 30, p. 290, e terminou com estas palavras: "Eis, senhores, por que insisto em afirmar que a nossa missão, a da Academia Cearense de Letras, não é revolver os escombros de um passado pessoal para lhe sacudir a poeira do esquecimento e monodiar sobre amores amortecidos ou apenas ocultos nas caçoilas dos corações magoados, não!, o que nos deve congregar, reunir e impulsionar é o amor das coisas pátrias, a investigação e procura constante da verdade, a propulsão e o incentivo de nossa atividade, sem os esmorecimentos e desânimos que tanto empecem a produção e trabalho nacional. Nosso lema será — trabalhar."

Por aqueles citados Estatutos, comprometia-se a *Academia Cearense de Letras* a:

1 — realizar sessões públicas em que os seus sócios expunham e discutiam assuntos de natureza literária e científica;

2 — publicar uma revista trimestral, semestral ou anual, conforme as suas possibilidades econômicas;

3 — instituir concursos de letras e criar prêmios para as composições, a seu critério julgadas vitoriosas;

4 — efetivar ou auxiliar a reimpressão de obras notáveis de cearenses mortos ou a impressão das de contemporâneos que não encontrem editor;

5 — catalogar toda a produção literária e científica de autores cearenses;

6 — organizar o vocabulário crítico de brasileirismos peculiares ao Estado do Ceará;

7 — pugnar por que a literatura cearense se inspire nos costumes, história, lendas, tradições e atualidades do Estado ou da Nação;

8 — fomentar o intercâmbio espiritual dos homens de letras do Ceará com os das demais unidades federativas e corporações congêneres do país.

Por força desses citados Estatutos, foram considerados Sócios Correspondentes os fundadores Álvaro Mendes, Bene-

dito Sidou, Drumond da Costa, Eduardo Salgado, Eduardo Studart, Franco Rabelo e o Sócio Efetivo Rodrigues de Carvalho, não mais residentes em Fortaleza. Não o fizeram em relação a Alves Lima e Luna Freire.

Por Lei nº 2051, de 11 de novembro de 1922, a Assembléia Legislativa do Estado considerou de utilidade pública a Academia, mas não chegou a concretizar o desejo do Governo do Estado atinente à sua localização em sede própria, objeto da Mensagem a ela enviada em data de 16 de outubro do mesmo ano.

Todavia, como afirma Leonardo Mota, *esta* "Academia não vingou". Suspensas as reuniões, que se efetuavam no Palácio do Governo, em virtude de enfermidade grave do velho Presidente e, depois, a sua morte em 1º de agosto de 1923, esmoreceram as atividades acadêmicas, apesar de nunca deixarem os senhores Acadêmicos de cumprir, lá fora, os seus deveres sociais mais de ordem literária. Até mesmo a *Revista,* cuja circulação parara em 1914, não pôde ter a continuidade desejada. O presidente Tomás Pompeu já ultrapassara os 75, cansado, escrevendo sempre, cuidando de sua fábrica de tecidos. Faleceria aos 77, em 1929. Enfraqueceram de novo os ânimos acadêmicos.

O letargo, porém, não durou muito.

5

Caberia a outro Acadêmico, José Carlos de Matos Peixoto, no exercício de Chefe do Executivo do Estado, reviver a sociedade de 1894. O seu quadriênio era o de 1928-1932, que a revolução de 1930 reduziu à metade.

Como Leonardo Mota, ao tempo de Serpa, agora o renovador, e buliçoso, seria Válter Pompeu, Oficial do Exército e Bacharel em Direito, com a sua idade de 29 anos.

O grupo que este pôde reunir, composto de alguns *velhos* e a maioria de *jovens,* não afinou muito nos termos da reforma de 1922. Moços de pensamentos mais livres, menos conservadores, um tanto *carbonários,* como que levaram a nova

reorganização a uma espécie de rebeldia em relação aos que, bem ou mal, traziam até eles os destinos e tradições do venerando colegiado. Citem-se alguns deles, além de Válter: Elias Malmann, Jáder de Carvalho, Joel e Josafá Linhares, Renato Braga, Mozart Firmeza, Ermínio de Araújo, Antônio Furtado, Martinz de Aguiar...

Houve, até, a sugestão de mudar-lhe o nome para *Academia de Letras do Ceará,* e não escaparia ao rigor dos renovadores a decisão de excluir do Quadro Social figuras do mais alto respeito e mérito, tais como Barão de Studart, Antonino Fontenele e Raimundo de Arruda, sócios fundadores, além de outros como, por exemplo, Alba Valdez, Carlos Câmara, Soares Bulcão, Quintino Cunha, Pe. Antônio Tomás, Rodolfo Teófilo, Leonardo Mota.

Alguns mais exaltados pretenderam mais que isto: a ruptura da nova Academia com a antiga, fazendo-se constar dos Estatutos respectivos, como figurou, as palavras "Constitui-se, tendo por sede a capital do Estado, a Academia Cearense de Letras" etc., conquanto haja a explicação de que a expressão *Constitui-se* e não *Reconstitui-se* foi aceita ante o receio de que elementos injustamente excluídos da antiga associação pudessem de certa forma reagir ao esbulho de suas Cadeiras. Com o correr do tempo, vem a melhor reflexão e, ao sair outro número da *Revista da Academia Cearense de Letras,* explicitamente aí se indica — "Segunda Fase", visível empenho de que não houvesse realmente qualquer hiato na sua continuidade de 1894.

E reconhece, claramente: "Quando presidente do Ceará (quadriênio 1920-1924) Justiniano de Serpa, que já vimos ter sido fundador da Academia, da qual, ajuntemos, foi o primeiro orador oficial, promoveu-lhe a reconstituição, já então com o nome de Academia Cearense de Letras, que conserva ainda hoje."

Foram os seguintes — atente-se bem — os que estiveram presentes e assinaram a ata da *sessão preparatória para a fundação da Academia Cearense de Letras,* realizada em 21 de maio de 1930, na residência do Dr. Válter Pompeu: Martinz de Aguiar, Elias Malmann, Luís Sucupira, Joel de Lima

Linhares, Jáder de Carvalho, Renato de Almeida Braga, Antônio Furtado e Mozart Firmeza.

Afinal, souberam pôr em boa lista nomes de grande valor, todos eles. Assim modificada, igualmente, a relação dos Patronos:

1	— Ermínio de Araújo	— Adolfo Caminha
2	— Raimundo Amora Maciel	— Agapito dos Santos
3	— Luís Sucupira	— Álvaro Martins
4	— João Jorge de Pontes Vieira	— Antônio Augusto de Vasconcelos
5	— Antônio Furtado	— Antônio Bezerra
6	— *Tomás Pompeu Sobrinho*	— Antônio Pompeu de S. Brasil
7	— *José da Cruz Filho*	— Araripe Júnior
8	— Válter Pompeu	— Capistrano de Abreu
9	— *Fernandes Távora*	— Domingos Olímpio
10	— José Carlos de *Matos Peixoto*	— Farias Brito
11	— Joaquim Máximo de Carvalho Júnior	— Fausto Barreto
12	— Joel de Lima Linhares	— Franklin Távora
13	— Natanael Pegado de Siqueira Cortez (Substituto de Euclides César, que renunciou).	— Heráclito Graça
14	— Pe. Misael Gomes da Silva	— D. Jerônimo Tomé da Silva
15	— Jáder Moreira de Carvalho	— João Brígido
16	— *Antônio Teodorico*	— João Moreira
17	— Raimundo Renato de Almeida Braga	— Joaquim Catunda
18	— *Andrade Furtado*	— D. Joaquim José Vieira
19	— Antônio Martinz de Aguiar	— José Albano
20	— *Antônio Sales*	— José de Alencar
21	— Clodoaldo Pinto	— José Liberato Barroso

22	— Manuel *Leiria de Andrade*	— Justiniano de Serpa
23	— Elias Malmann	— Lívio Barreto
24	— *Júlio Maciel*	— Mário da Silveira
25	— Demócrito Rocha	— Padre Mororó
26	— *Otávio Lobo*	— Moura Brasil
27	— Antônio *Pápi Júnior*	— Oliveira Paiva
28	— *José Sombra Filho*	— Oto de Alencar
29	— Carlos Studart Filho	— Paulino Nogueira
30	— Adauto de Alencar Fernandes	— Senador Pompeu
31	— Mozart Pinto Damasceno	— Pompílio Cruz
32	— Josafá de Lima Linhares	— Rocha Lima
33	— Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho.	— Visconde de Sabóia
34	— Dolor Uchoa Barreira	— Samuel Uchoa
35	— Teodoro Cabral	— Soriano de Albuquerque
36	— José Martins Rodrigues	— Tibúrcio Rodrigues
37	— Mozart Firmeza	— Tomás Lopes
38	— Raimundo de Monte Arrais	— Tomás Pompeu
39	— *Beni Carvalho*	— Ulisses Pennafort
40	— Emídio Barbosa	— Valdemiro Cavalcante

A sessão, em que assim se deliberou, realizou-se, também, em casa de Válter Pompeu, na Rua 24 de Maio nº 862, às 7 horas da noite do mesmo dia 21 de maio de 1930, com a presidência de Leiria de Andrade. Nela "foi o ilustre escritor Antônio Sales eleito presidente efetivo", mas a primeira sessão ordinária, no dia 22 seguinte, foi presidida pelo prof. Martinz de Aguiar, eleito Vice-Presidente.

É bom anotar este tópico da *Revista,* no primeiro número da *2a. Fase* (1937): "Por ocasião da segunda reforma, em que se excluíram os antigos membros que já não residiam no Ceará e se esqueceram, pouco justificadamente, alguns outros, o Dr. Josafá Linhares propôs que se adotassem o nome

de *Academia de Letras do Ceará*, mas a sua proposta não foi aceita, por ser considerada essa denominação discordante, em relação a outras academias, e contrariar aos intuitos da assembléia, que eram de fato remodelar a academia existente. Depois, porém, como se soubesse que certos membros excluídos não se conformavam com a exclusão, ficou resolvido que os Estatutos diriam *Constitui-se* e não *Reconstitui-se,* como se estabelecera. Isso, sem que de maneira alguma fosse pensamento de qualquer dos promotores da refundição criar em verdade uma nova academia, pois todos queriam continuar as tradições existentes, já quase meio seculares."

A Diretoria ficou, então, assim composta:

Presidente — Antônio Sales
Vice-presidente — Martinz de Aguiar
Secretário-Geral — Válter Pompeu
1º Secretário — Luís Sucupira
2º Secretário — Elias Malmann
Bibliotecário — Joel de Lima Linhares,

eleitos na conformidade dos novos Estatutos apresentados pela comissão: Joel de Lima Linhares, presidente, Elias Malmann, relator, Válter Pompeu, Josafá Linhares e Jáder de Carvalho, e aprovados na sessão de 29 de maio, realizada já no prédio do Instituto Epitácio Pessoa, na Rua Barão do Rio Branco, oferecido pelo 1º secretário Luís Sucupira, em nome da União dos Moços Católicos. As reuniões continuaram aí até 20 de agosto de 1931, quando se transferiram para o edifício-sede do Clube Iracema, na aludida Rua Barão do Ro Branco. Mais tarde os Acadêmicos se reuniam, em sessão ordinária, na casa de residência de Dolor Barreira e, depois, na de Martinz de Aguiar.

Não mais que 13 dos Acadêmicos da primeira reorganização figuram nesta segunda, e os seus nomes estão sublinhados na relação acima indicada. Entre os *injustiçados* podem ser apontados: Alba Valdez, Soares Bulcão, Carlos Câmara, Quintino Cunha, Raimundo de Arruda, Jorge de Sousa, Cursino Belém, Álvaro de Alencar, Leonardo Mota — legítimos renomes das nossas Letras.

Já haviam morrido Justiniano de Serpa (1923), Alfredo Castro (1926), Antônio Augusto (março de 1930), Raimundo Ribeiro (1928), Ferreira dos Santos (1923). Ausentes do Ceará, desenvolvendo suas profissões noutras regiões, citam-se Francisco Prado, Sales Campos, Júlio Ibiapina, Moreira de Azevedo, José Lino da Justa.

Alba Valdez e Leonardo Mota, eleitos a 4 de outubro de 1937, voltaram ao seio acadêmico, nas vagas de Leiria de Andrade (f. 9-12-1935) e José Sombra Filho (f. 21-3-1932).

Para o Quadro de Honra passaram o padre João Augusto da Frota, Barão de Studart, Rodolfo Teófilo e pe. Antônio Tomás, e os não acadêmicos mons. Bruno Figueiredo, Júlio César da Fonseca, Juvenal Galeno e Clóvis Beviláqua.

Houve, como bem se observa, funda alteração no Quadro de Patronos. Nele foram incluídos Justiniano de Serpa, Tomás Pompeu, Antônio Augusto, sócios fundadores que continuaram na reorganização de 1922. E outros vieram fazer parte dele: Tibúrcio Rodrigues, Agapito dos Santos, Pompílio Cruz, Moura Brasil, Padre Mororó, Samuel Uchoa, Antônio Pompeu de Sousa Brasil, pe. Ulisses Pennafort, Soriano Albuquerque, Capistrano de Abreu, João da Rocha Moreira, José Albano, Mário da Silveira, Oliveira Paiva, Oto de Alencar, D. Jerônimo Tomé.

Sofreram exclusão os nomes de Martinho Rodrigues, Antônio Ibiapina, Antônio Martins, José Avelino, General Tibúrcio, Padre Ibiapina, Cons. Tristão de Araripe, Oliveira Sobrinho, José Sombra, pai, Paula Nei, Alberto Nepomuceno e Luís de Miranda, correspondentes às Cadeiras dos sócios excluídos, respectivamente: Soares Bulcão, Jorge de Sousa, José Lino da Justa, Álvaro de Alencar, Raimundo de Arruda, Júlio Ibiapina, Antônio Drumond, Raimundo Ribeiro, José Sombra Filho, Quintino Cunha e pe. Antônio Tomás. Beni Carvalho mudou de Patrono: Ulisses Pennafort, em vez de Alberto Nepomuceno, e assim José Sombra Filho: Oto de Alencar, em vez de José Sombra, pai.

Dos acadêmicos das reformas de 1922 e 1930 somente Matos Peixoto e Fernandes Távora se mantiveram fiéis aos seus Paraninfos.

Em 24 de maio de 1937, assume as funções do cargo de Presidente o acadêmico Tomás Pompeu Sobrinho, por ter sido transferido o presidente Antônio Sales para o cargo de Presidente de Honra. A Diretoria eleita nessa ocasião constituía-se de:

Presidente — Tomás Pompeu Sobrinho
Vice-Presidente — Martinz de Aguiar
Secretário-Geral — Dolor Barreira
1º Secretário — Luís Sucupira
2º Secretário — Ermínio de Araújo
Tesoureiro — Antônio Teodorico da Costa
Bibliotecário — Joel Linhares

Já a esse tempo estava a Academia filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil. Isto em 4 de setembro de 1936. Têm sido seu Delegado junto a esta Federação, sucessivamente, Mário Linhares, Raimundo de Monte Arrais, Luís Sucupira, Carlos de Oliveira Ramos, almirante César Augusto Machado da Fonseca, Júlia Galeno, José Gomes Moreira, Dr. Hermógenes Pereira e Dr. Enéas Morais e Silva.

Refez-se a publicação da *Revista,* saído o I volume, tomo I em 1937, sob a direção de Antônio Sales, Dolor Barreira, Clodoaldo Pinto, Ermínio de Araújo e Martinz de Aguiar, mas não experimentou melhor alento esta sua *2ª Fase.* Estancou em 1941, com o vol. III, tomo I, dedicado a Antônio Sales.

6

Ainda outra modificação teria de suportar a Academia Cearense de Letras. Em 10 de maio de 1951, modificaram-se os seus Estatutos, para o fim de absorver os remanescentes da *Academia de Letras do Ceará*, de vida paralela e poder-se-ia dizer redundante. Duas Academias de Letras na mesma cidade, como que se rivalizando mutuamente, tocavam ao incoerente.

Não se compreendia bem semelhante dualidade, e Mário Linhares adiantou-se na sugestão de fundirem-se ambas. Aceita, designa-se uma comissão para estudar o assunto, da qual

participam Dolor Barreira, Joel Linhares e Clodoaldo Pinto, os quais, juntacente com outra comissão da Academia de Letras do Ceará, constituída de João Perboyre e Silva, Henriqueta Galeno e Manoel Albano Amora, opinariam a respeito. As duas representações acordam em confiar a Clodoaldo Pinto o Relatório a ser apresentado para a devida discussão e decisão, tendo sido iniciados os trabalhos em 24 de abril de 1951.

Neste Relatório, sugere-se a inclusão, no Quadro da Academia Cearense de Letras, que permaneceria, dos seguintes acadêmicos da Academia de Letras do Ceará: Adonias Lima (que já pertencera à Academia Cearense de Letras e não fora incluído por ocasião da reforma de 1930), Francisco de Meneses Pimentel, Francisco de Alencar Matos, Henriqueta Galeno, João Perboyre e Silva, José Valdo Ribeiro Ramos, Hugo Catunda, Livino de Carvalho, Leite Maranhão, Manoel Albano Amora, Gastão Justa e José Vicente Sidney Neto — 12. Também é sugerida a transferência, para a classe de sócios correspondentes, dos seguintes acadêmicos da Academia Cearense de Letras, abrindo-se conseqüentemente as vagas das respectivas Cadeiras: Ermínio de Araújo e Silva, Raimundo Amora Maciel, José Carlos de Matos Peixoto, Joaquim Máximo de Carvalho Júnior, Elias Malmann, Carlos Studart Filho (retornou posteriormente), Adauto de Alencar Fernandes, Teodoro Cabral, José Martins Rodrigues, Mozart Firmeza, Raimundo Monte Arrais e Benedito A. Carvalho dos Santos (Beni Carvalho) — 12.

Tal relatório é apresentado em plenário no dia 10 de maio e aprovado. Reformam-se os Estatutos e a fusão se opera, desaparecendo a *Academia de Letras do Ceará,* fundada em 9 de junho de 1930.

Na acomodação dos elementos vindos desta ao Quadro de Acadêmicos, é preciso alterar, e assim se pratica, o Quadro de Patronos, do que resulta a retirada dos nomes de *Agapito dos Santos,* de que era titular Amora Maciel, ausente em caráter definitivo do Ceará, *João Moreira,* Cadeira ocupada por Antônio Teodorico, já falecido (em 1939), *D. Joaquim José Vieira, Oto de Alencar, Pompílio Cruz e Valdemiro Cavalcante.* Seis, ao todo.

Outros seis nomes os substituem: Clóvis Beviláqua, Barão de Studart, Juvenal Galeno, Papi Júnior, Rodolfo Teófilo e Manuel Soares da Silva Bezerra.

Desse modo o Quadro de Cadeiras, Patronos e Acadêmicos ficou definitivamente assim distribuído:

CAD.	PATRONOS	ACADÊMICOS
1	Adolfo Ferreira Caminha	José Vicente Sidney Neto
2	Álvaro Dias Martins	Luís Cavalcante Sucupira
3	Antônio Augusto de Vasconcelos	Antônio Martins Filho
4	Antônio Bezerra de Meneses	Raimundo Girão
5	Antônio Papi Júnior	Fran Martins
6	Antônio Pompeu de Sousa Brasil	Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho (ocupada automaticamente)
7	Clóvis Beviláqua	Mário Linhares
8	Domingos Olímpio Braga Cavalcante	Manuel do Nascimento Fernandes Távora
9	Fausto Carlos Barreto	João Clímaco Bezerra
10	Gonçalo Inácio de Loiola de Albuquerque e Melo Mororó	Abelardo Fernando Montenegro Demócrito Rocha
11	Guilherme Studart (Barão)	José Valdivino de Carvalho
12	Heráclito de Alencastro Pereira da Graça	Natanael Pegado de Siqueira Cortez
13	Jerônimo Tomé da Silva	Pe. Misael Gomes da Silva
14	João Brígido dos Santos	Jáder Moreira de Carvalho
15	João Capistrano de Abreu	Joaquim Braga Montenegro
16	João Franklin da Silveira Távora	Joel de Lima Linhares
17	Joaquim de Oliveira Catunda	Raimundo Renato de Almeida Braga
18	José Cardoso de Moura Brasil	João Otávio Lobo

19 - José de Abreu Albano	Antônio Martinz de Aguiar e Silva
20 - José Liberato Barroso	Clodoaldo Pinto
21 - José Martiniano de Alencar	Antônio Filgueiras Lima
22 - Justiniano de Serpa	Alba Valdez
23 - Juvenal Galeno da Costa e Silva	Henriqueta Galeno
24 - Lívio Barreto	Gastão Gonçalves da Justa
25 - Manuel de Oliveira Paiva	Carlyle Martins
26 - Manuel Soares da Silva Bezerra	Manuel Antônio de Andrade Furtado
27 - Manuel Soriano de Albuquerque	Adonias Lima
28 - Mário da Silveira	Júlio Maciel
29 - Paulino Nogueira Borges da Fonseca	Joaquim Alves
30 - Raimundo Antônio da Rocha Lima	Josafá de Lima Linhares
31 - Raimundo de Farias Brito	José Leite Maranhão
32 - Raimundo Ulisses Pennafort	José Valdo Ribeiro Ramos
33 - Rodolfo Marcos Teófilo	João Perboyre e Silva
34 - Samuel Felipe de Sousa Uchoa	Dolor Uchoa Barreira
35 - Tomás Pompeu de Sousa Brasil	Carlos Livino de Carvalho
36 - Tomás Pompeu de Sousa Brasil (Senador Pompeu)	Hugo Catunda Fontenele
37 - Tomás Pompeu Lopes Ferreira	Manoel Albano Amora
38 - Tibúrcio Rodrigues	Francisco de Meneses Pimentel
39 - Tristão de Alencar Araripe Júnior	José da Cruz Filho
40 - Vicente Cândido Figueira de Sabóia (Visc. Sabóia)	Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho

O número de Cadeiras e os nomes dos Patronos são imodificáveis e figuram expressamente nos Estatutos de 10 de fevereiro de 1952, aprovada, nesta ocasião, a fórmula fornecida pelo acadêmico Raimundo Girão, com pequenas emendas. Encontram-se publicados no *Diário Oficial do Estado,* nº de 17 de maio seguinte.

Em sessão solene efetuada a 15 de agosto daquele ano de 1951, no Auditório do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, e comemorativa da contração das duas Academias, foram empossados os acadêmicos Raimundo Girão, Martins Filho, Joaquim Alves, Fran Martins, Filgueiras Lima, Abelardo Montenegro e Braga Montenegro, o que completou o Quadro acima referido e no qual se vêem os seus nomes correspondendo aos dos respectivos Patronos.

7

De lá para cá o ritmo de ação acadêmica tem continuado bastante firme, orientado por Diretorias bem escolhidas e interessadas no cumprimento das disposições estatutárias e regimentais.

Disposição Transitória dos Estatutos de 1952 determinava que "No corrente ano de 1952, a eleição da nova Diretoria far-se-á de modo que esta seja empossada a 24 de maio. O seu mandato terminará no dia 31 de dezembro de 1954."

O art. 3º, § 2º, dispunha: "A Diretoria é eleita em sessão do mês de dezembro por maioria, proibidas as reeleições para os mesmos cargos, e o mandato durará um biênio, de 1º de janeiro do ano inicial a 31 de dezembro do ano seguinte. A posse dos eleitos far-se-á em sessão do mês de janeiro, em sessão solene." Era o reajuste dos fatos ao tempo, e, realmente, escolhida pelo voto dos Acadêmicos, empossou-se a nova Diretoria, sendo aclamado Presidente de Honra o acadêmico Pompeu Sobrinho, por não poder reeleger-se.

Diretoria de 1952-1954:

Presidente de Honra — Tomás Pompeu Sobrinho
Presidente — Dolor Barreira

1º Vice-Presidente — Raimundo Girão
2º Vice-Presidente — Martinz de Aguiar
Secretário-Geral — Manoel Albano Amora
1º Secretário — Mário Linhares
2º Secretário — Filgueiras Lima
Tesoureiro — Andrade Furtado
Bibliotecário — Cruz Filho
Diretor de Publicidade — Mário Linhares.

Mais que antes, talvez, a Academia Cearense de Letras passou a ter "mais consciência de si mesma, do seu papel, da sua função, da sua autoridade, do seu ministério, da sua força", a "exercer influência na difusão das letras e na formação da sensibilidade estética do povo em geral" e a "representar um órgão de vital importância no desenvolvimento histórico e cultural do País" — no conceito cristalino de Filgueiras Lima.

"Academia que não é foco de cultura — estas palavras são de Filgueiras —, que não acende idéias de elevação mental na alma de um povo, ou de uma nação, que não aprimora e opulenta os recursos da língua nacional, assegurando-lhe o resguardo e patrocínio de formas e modos expressionais de maior beleza e pureza idiomática — é Academia de rotina, de planície, sem vistosas elevações, de árvores sem flores, nem frutos, de simples continuidade sem lances mais vivos e vigorosos."

Dessa Diretoria para cá, a Sociedade ilustre enveredou outros caminhos e tem sabido conhecer e pôr em relevo a grande significação e importância de suas finalidades intelectuais, honrando cada vez mais a Cultura Cearense. Em *Vida Acadêmica*, inserto em seu nº 25, p. 206, está o resumo do que aconteceu de melhor nesse biênio.

Seguiu-se a Diretoria de 1955-56 encabeçada por Mário Linhares e assim apresentada:

Presidente de Honra — Tomás Pompeu Sobrinho
Presidente — Mário Rômulo Linhares
1º Vice-Presidente — Andrade Furtado



Antonio Sales
(1930 - 1937)

2º Vice-Presidente — Dolor Barreira
Secretário-Geral — Pe. Misael Gomes
1º Secretário — Manoel Albano Amora
2º Secretário — Carlos Studart Filho
Bibliotecário — Hugo Catunda
Diretor de Publicidade — Renato Braga.

Tinha-se bem em mente a sentença de Sheridan: — "O caminho seguro para não falhar é a determinação de conseguir."

Com este espírito de obstinação veio a Diretoria de 1957-1958, constituída de:

Presidente de Honra — Tomás Pompeu Sobrinho
Presidente — Raimundo Girão
1º Vice-Presidente — Filgueiras Lima
2º Vice-Presidente — Henriqueta Galeno
Secretário-Geral — Manoel Albano Amora
1º Secretário — Carlyle Martins
2º Secretário — Hugo Catunda
Bibliotecário — Carlos Studart Filho
Tesoureiro — Andrade Furtado
Diretor de Publicidade — Mário Linhares.

No período de vigência desse corpo diretor pôde ser convenientemente melhorada a sede própria da Academia, a que se chamou *Casa de Thomaz Pompeu,* na Rua 24 de Maio, 436, construída pelo venerando homem de cultura — Tomás Pompeu de Sousa Brasil, e na qual ele morou até falecer. Doada pela família ao Instituto do Ceará, cedeu este à Academia o uso total do prédio. Deixava, assim, o Sodalício de abrigar-se nas residências dos consócios, que gentilmente para tanto se ofereciam, como fizeram e, já foi dito, Dolor Barreira e Martinz de Aguiar. Se não era uma sede luxuosa, em verdade era condigna.

No mesmo período foi organizada pelo Acadêmico Presidente, e sob os auspícios da Casa, a *Antologia Cearense* (1ª série), com a inclusão de 100 escritores e, a título de in-

trodução, uma resenha histórica da evolução literária do Ceará, escrita pelo autor.

Igualmente, inaugurou-se a Galeria dos Presidentes, então figurando — Tomás Pompeu, Antônio Sales, Dolor Barreira e Raimundo Girão, em retratos a óleo executados por J. Ribeiro.

Ainda como ponto alto dessa administração, celebrou-se, sob a égide da *Casa de Thomaz Pompeu,* o centenário de *O Guarani,* de José de Alencar, com substancioso programa denominado *Semana d'O Guarani,* entre outros números, com o lançamento da *Antologia Cearense* no Palácio do Governo e uma sessão magna no Teatro José de Alencar, tendo falado em nome dos acadêmicos o poeta Filgueiras Lima, e também Gustavo Barroso, convidado especial, autor da letra do Hino de Fortaleza, executado na ocasião pela Banda da Escola Preparatória de Cadetes.

Outra resolução de alta valia e justiça é a que foi tomada estabelecendo o Culto de Tomás Pompeu: "Anualmente, na passagem da data de nascimento de seu egrégio Patrono, ser-lhe-ão tributadas as mais significativas homenagens ao seu admirável saber e em reconhecimento àquele que, durante toda a vida, presidiu aos destinos de nossa instituição."

A Diretoria que se segue para o biênio de 1959-1960 teve esta composição:

Presidente de Honra — Tomás Pompeu Sobrinho
Presidente — Andrade Furtado
1º Vice-Presidente — Carlos Studart Filho
2º Vice-Presidente — Pe. Misael Gomes
Secretário-Geral — Mozart Soriano Aderaldo
1º Secretário — Artur Eduardo Benevides
2º Secretário — Gastão Justa
Tesoureiro — Hugo Catunda
Bibliotecário — Braga Montenegro
Oradores — Otávio Lobo e Renato Braga
Diretor de Publicidade — Mário Linhares.

Jornada tranqüila é como definiu Andrade Furtado o que pôde essa Diretoria oferecer de trabalhos e empenhos em be-

nefício da Academia nesses dois anos. (Ver *Revista da Academia Cearense de Letras,* 1921, nº 30, p. 298).

Coube a Renato Braga estar à frente dos negócios sociais no biênio 1961-1962, eleita, como foi, esta Diretoria:

Presidente de Honra — Tomás Pompeu Sobrinho
Presidente — Renato Braga
1º Vice-Presidente — João Otávio Lobo
2º Vice-Presidente — Cruz Filho
Secretário-Geral — José Valdivino de Carvalho
1º Secretário — Carlyle Martins
2º Secretário — Cândida Galeno
Tesoureiro — Luís Sucupira
Bibliotecário — Natanael Cortez
Oradores — Pe. Misael Gomes e Carlos Studart Filho
Diretor de Publicidade — Andrade Furtado.

A Diretoria para o biênio 1963-64 compôs-se de:

Presidente de Honra — Tomás Pompeu Sobrinho
Presidente — Antônio Martins Filho
1º Vice-Presidente — Andrade Furtado
2º Vice-Presidente — Pe. Misael Gomes
1º Secretário — Albano Amora e, depois da renúncia deste (sessão de 10-10-1963), Cândida Maria Galeno
Tesoureiro — Manuel Eduardo Pinheiro Campos
Diretor de Publicidade — Carlos Studart Filho

Muito se esforçaram esses dois Corpos Administrativos, procurando incentivar as atividades da Academia com reuniões cheias de bom conteúdo e sabendo projetá-la, com a melhor imagem, no colorido cenário da Cultura cearense.

Não esqueceram os cuidados com a atualidade do Quadro Social, preenchendo sem demora as vagas verificadas em virtude de morte de Acadêmicos; e tiveram sempre em mira que a vida de uma sociedade qualquer é a precisa obediência ao seu estatuto e à forma visada para a efetivação dos objetivos sociais.

Para o biênio 1965-1966, no dia 10 de dezembro de 1964, os senhores Acadêmicos escolheram para compor a Diretoria os nomes de:

Presidente de Honra — Tomás Pompeu Sobrinho
Presidente — Manuel Eduardo Pinheiro Campos
1º Vice-Presidente — Renato Braga
2º Vice-Presidente — Raimundo Girão
Secretário-Geral — Braga Montenegro
1º Secretário — Cândida Galeno
2º — Secretário — Antônio Girão Barroso
Tesoureiro — Luís Sucupira
Bibliotecário — José Valdivino de Carvalho
Oradores — Artur Eduardo Benevides e Filgueiras Lima
Diretor de Publicidade — Carlos Studart Filho.

Daí por diante as Diretorias sucessivas de 1967-68, 1969-70, 1971-72 e 1973-74 pouco se modificaram. São elementos constantes o presidente Eduardo Campos, o 1º secretário Cândida Galeno e o tesoureiro Luís Sucupira, tríade vigilante e ativa no desempenho, pela Academia, dos seus fins administrativos e culturais.

Era proibida, pelos Estatutos de 1952, a reeleição ao mesmo cargo, mas o Sodalício, por sua maioria, deliberou modificar o § 2º do art. 5º do texto estatutário, a fim de permitir a reeleição, embora que somente por uma vez. Isso ensejou a possibilidade de reeleger-se o presidente Eduardo Campos, e o motivo, além do modo plenamente satisfatório com que exercia o cargo, era o de ser necessária a sua permanência, empenhado que estava, resolutamente, na aquisição de uma sede própria para a Academia, até ali a reunir-se em residências de sócios e, mais recentemente, na Casa de Thomaz Pompeu, na Rua 24 de Maio, 436, cujo uso lhe fora cedido pelo Instituto do Ceará, proprietário do imóvel, tal como ficou referido.

Esta nova sede localiza-se no 12º andar do Palácio Progresso, desta Capital, e toma algumas salas, inclusive a maior, onde se encontra o Auditório. Não há como negar o valor

desse empreendimento, satisfazendo um velho anseio. No entanto, o que melhor se evidencia é que suas instalações, de mistura com escritórios comerciais que enchem todo o edifício, não se ajustam ao sentido mais nobre de uma instituição de caráter cultural e mais austera personalidade, empenhada no cultivo e no culto espiritual das Belas Letras.

Um dia, por certo, isso se modificará, exatamente quando o Poder Público, à semelhança do que tem acontecido noutros Estados, cair na melhor compreensão do problema e ele mesmo oferecer para o uso acadêmico prédio que a tanto se preste, adequadamente.

Há, pois, uma unidade de ação durante esse tempo de dez anos, já que outra reforma do citado inciso dos Estatutos passou a considerar lícita a reeleição sem limitação de mandato.

Ao ter que renovar-se a Diretoria, para o biênio 1975-76, foi unânime, harmônica e elegante a decisão de entregar os destinos do Grêmio a elementos não vinculados à Diretoria anterior. As renovações são via de regra salutares, pois trazem para os renovadores outras disposições entusiásticas, bem capazes de *continuar melhorando,* nunca ficando no que está. Novas cabeças, novos pensamentos, novas práticas, novo retrato.

Assim é que foram eleitos:

Presidente de Honra — Antônio Martins Filho
Presidente — Cláudio Martins
1º Vice-Presidente — Carlos Studart Filho
2º Vice-Presidente — J. C. Alencar Araripe
Secretário-Geral — Sânzio de Azevedo
1º Secretário — Denizard Macedo
2º Secretário — Francisco Alves de Andrade
Tesoureiro — Mozart Soriano Aderaldo
Diretor de Biblioteca — F. S. Nascimento
Diretor de Publicações — Raimundo Girão.

Dominou, de pronto, a esse grupo, notadamente o presidente Cláudio Martins, o *espírito de fazer,* aceitando a lenti-

dão apenas como fator estimulante do motivo — *pensar bem e executar bem.* Se "a pressa é inimiga da perfeição", boa idéia é que ela não deve ser excluída das realizações urgentes e bem planejadas. Realizar sem perder tempo, mas realizando sem perder o senso da realização. Construir com argamassa e não com o simples barro, sem liga nem consistência.

Infelizmente, de logo se verificou o quanto prejudicou à Academia a demora da mudança de suas mobílias para o novo local. O que ficou, à espera disso, na Casa antiga, muito sofreu à custa de causas diversas e a maior infelicidade se deu com a Biblioteca, cujos livros na quase totalidade se inutilizaram pelo desgaste do abandono e do desvio desonesto. Refazer o acervo bibliográfico tornou-se prioritário. E também completar os móveis imprescindíveis à boa apresentação e comodidade das dependências da sede. Esta parte já se acha providenciada. A da Biblioteca, em franca efetivação.

Retomou-se, imediatamente, a publicação da *Revista da Academia,* que em razão das poucas verbas não oferecia a seqüência exigida. O último número a sair fora o de 1971.

A publicidade acadêmica não tinha vez, salvo a *Revista* mas, agora, já se enocntra em preparo a divulgação, unificada em livro, dos *Discursos Acadêmicos,* alguns dispersos em números da *Revista* e muitos ainda inéditos.

E esta — A *Academia de 1894* — poderá convencer do esforço da nova Direção, neste setor das atividades da Agremiação octogenária.

"A Academia *fora* da Academia" é outro ângulo por que se deve olhá-la. A divulgação de suas atuações múltiplas por meio da *Revista* é ânua e não abrange campo mais largo, obviamente. Outros meios são procurados para uma prestação de contas da Sociedade perante o grande público.

Entre tais meios, adotou-se a chamada desse público para *dentro* da Academia, a freqüentar e assistir aos Cursos que ela projetou para discussão de idéias e ensinamentos, em diálogo com a mocidade estudiosa, sedenta de lições instrutivas, propícios ao aperfeiçoamento de um humanismo cultural que possa enfrentar a confinada extensão do tecnicismo, especializando demais os estudiosos.

A vitória conseguida com o primeiro desses simpósios — o Curso sobre Teoria e Técnica do Conto, é prova cabal do acerto da renovação salutar. Foi além do que se esperava: as inscrições ultrapassaram de 50% ao número estabelecido (de 100, subiu para 150) e as exposições primaram pela segurança e beleza de seus conteúdos, confiadas a conferencistas consagrados nacionalmente como Josué Montello, Mário Camarinha e Sônia Brayner, e aulas dadas por elementos *prata de casa,* tais quais Pedro Paulo Montenegro (Coordenador do Curso), Artur Eduardo Benevides, Milton Dias, Sânzio de Azevedo, Otacílio Colares e Moreira Campos, intelectuais do mais apurado valor e que superiormente representam a Literatura Cearense na verdejante paisagem do Contismo Brasileiro.